

Parcerias e Redes em torno da História das Doenças - entrevista com Dilene
Raimundo do Nascimento

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fiocruz

Entrevista concedida a Tânia Salgado Pimenta e Barbara Barbosa dos Santos e realizada pela plataforma *Zoom*, em 15 de dezembro de 2021, para composição do Dossiê n. 29 (2021) - “História das Doenças e das Artes de Curar” da *Revista Ponta de Lança*.

Tânia Salgado Pimenta

Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz e professora do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da mesma instituição.

Barbara Barbosa dos Santos

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz

Resumo: Nesta entrevista a professora Dilene Raimundo do Nascimento narra sua trajetória acadêmica, como contribuiu para difundir e internacionalizar o campo da história das doenças no Brasil. Veremos que várias ações foram fundamentais, tais como a criação do grupo de trabalho de história da saúde e das doenças na ANPUH, grupo de estudos com orientandos e a criação, com outros pesquisadores, da coletânea *Uma história brasileira das doenças*. Na entrevista, a historiadora aponta possibilidades teóricas e metodológicas para novas pesquisas no campo das doenças.

Palavras-chave: História, Doenças, Dilene Nascimento

Dilene Raimundo do Nascimento possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (1970) e em Medicina pela Faculdade de Medicina da Escola Técnico Educacional Souza Marques (1976), mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1991) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999). Atualmente é pesquisadora aposentada da Fundação Oswaldo Cruz e docente do programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Tem experiência na área de Medicina e da Saúde Pública, com ênfase em História da Medicina, atuando principalmente nos seguintes temas: história das doenças, política de saúde, representação social da doença, saúde pública no Brasil.

Tânia Pimenta: Dilene, eu queria agradecer por sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista que vai compor o dossiê *História das Doenças e das Artes de Curar*, organizado por mim e pela Barbara Santos na *Revista Ponta de Lança*, da Universidade Federal de Sergipe. Com essa temática, pensamos que o seu depoimento seria muito relevante por seu pioneirismo e sua contribuição para ampliação e consolidação desse campo no Brasil. Então, gostaríamos que você falasse um pouco da sua trajetória. Você se formou em serviço social e medicina. Exerceu medicina. Como você chegou na história?

Dilene Nascimento: E exerci serviço social também (risos)

Tânia Pimenta: Também? Então nos conte sobre isso. Como foi essa trajetória até chegar na história?

Dilene Nascimento: Então, quando chegou a época de fazer vestibular, na verdade, eu queria fazer medicina, mas o cursinho de medicina era caro, não dava para pagar. Eu falei bom, para não perder, não deixar de fazer uma faculdade, eu resolvi fazer serviço social, porque não precisaria me preparar em cursinho. Estudei e passei. Fiz serviço social na UFF, comecei a trabalhar como assistente social para fazer trabalho de conclusão de curso. A gente fazia também um estágio em algum lugar. E eu fiz um estágio na favela da Barreira do Vasco. E o trabalho de conclusão de curso foi sobre isso. Depois houve uma reformulação teórica do serviço social, muita discussão. Mas naquela época, você tinha, principalmente, três áreas de serviço social: o serviço social nas instituições, o que você atendia as pessoas individualmente e o que você atendia o grupo ou a comunidade. Eu me voltei para o serviço social de comunidade e trabalhei em várias comunidades como assistente social. Cheguei a trabalhar no INOCOOP (Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais). Mas ali eu trabalhei pouco tempo. A gente também trabalhava em comunidade, onde ia ser implantado um conjunto habitacional. A gente trabalhava com os moradores daquele conjunto habitacional. Comecei Serviço Social em 1967. Quando foi final de 1968, tinha uma prova e eu tentei medicina. Fiz um cursinho, que era do filho de uma amiga da minha mãe, então pagava menos. Mas eu sempre fui muito estudiosa, então consegui passar. Mas fiquei excedente na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Ficamos dois anos como excedentes, uns entraram porque o diretor daquela época da Escola de Medicina e Cirurgia criou novas turmas, então absorveu alguns excedentes. No final, ficamos em 192 excedentes durante dois anos batalhando, batalhando mesmo. Isto já está escrito em um livro que escrevi e foi publicado agora há dois meses. Passei

anos com essa missão de escrever essa história e conseguimos terminar agora¹. Na época, houve uma convergência de interesses: do governo via ministério da saúde e ministério da educação; de um grupo de professores que queria criar uma escola nova para implantar um projeto pedagógico novo. Em suma, somaram-se os interesses e foi criada a Escola de Medicina Souza Marques, que começou a funcionar ali no Catete. Então, terminei serviço social em 1970 e, em 1971, começaram as aulas de medicina.

Tânia Pimenta: Foi a primeira turma?

Dilene Nascimento: A primeira de medicina da Escola de Medicina Souza Marques. Que era no Catete e agora em Cascadura, mas o nosso curso todo foi no Catete. E assim ainda trabalhei um tempo no INOCOOP, mas por pouco tempo porque os estudos de medicina eram muito puxados, então passei a me dedicar aos estudos de medicina. Eu me interessava, desde o início, por saúde pública. Desde antes, no Serviço Social, no contexto do AI-5, de 1968, tinha um compromisso com a questão social. Como aluna de Medicina, então, me candidatei e consegui bolsa de iniciação científica com Eduardo de Azeredo Costa, na Fiocruz, fiz curso de saúde pública e dois anos de residência em saúde pública na ENSP². Da minha turma, eu e mais um apenas fomos para saúde pública. Mas, aqui no Rio na época do governador Chagas Freitas não tinha concurso, não tinha verba, não tinha apoio. Fui para São Paulo, fiz o concurso lá para médica sanitária, passei e fiquei sete anos em São Paulo, não na capital. Fui para uma cidade bem longe, depois fui para São José dos Campos. Quando voltei para o Rio, fui para Casa de Oswaldo Cruz (COC)³, porque antes de ir para São Paulo, eu trabalhava num projeto de memória na Candido Mendes, onde o Paulo Gadelha⁴ foi trabalhar. A gente se conhecia mais no movimento de residentes de medicina e teve mais contato ali. Quando eu voltei para o Rio, alguém me falou que o Gadelha havia me procurado, que ele tinha um projeto em que achava que eu me encaixaria. Fui procurar o Gadelha, porque eu vim emprestada para a presidência do INAMPS⁵, mas era uma situação temporária. Na verdade, assim, quando eu voltei de São Paulo

¹ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; VARELA, Alex. *História da criação da Escola de Medicina Souza Marques*. Rio de Janeiro: Ideia D, 2021.

² Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, unidade da Fiocruz.

³ Unidade da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

⁴ Dirigiu a Casa de Oswaldo Cruz, unidade da Fiocruz, de 1985 a 1997, e foi presidente da Fiocruz entre 2009 e 2016.

⁵ Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982-193X



eram da minha época, antes de ir para São Paulo, Hésio Cordeiro⁶, Paulo Gadelha, Sérgio Arouca⁷ na Secretaria de Saúde do Estado, Antônio Ivo⁸, que era assessor ou subsecretário do Sérgio Arouca; José Noronha⁹ era secretário do Serviço Social do INAMPS. Então, esse pessoal com quem eu me relacionava por conta da medicina e dos movimentos sociais tinha assumido cargos nas instituições. E recebi essa chamada do Gadelha, que era para fazer aquele projeto das políticas prioritárias do INAMPS entre 1985-1989, justamente o período da gestão do Hésio Cordeiro. E aí, eu topei, claro! Trabalhar na Fiocruz, que eu já conhecia, era mais interessante que trabalhar na loucura na secretaria de Estado. Porque lá em São José dos Campos eu trabalhei na prefeitura e na Secretaria de Saúde do Estado. Era uma loucura. Prefeitura então era pior que o Estado, porque o prefeito e a população estavam ali juntinhos, então a pressão era muito grande.

Então, eu disse “vou para Fiocruz fazer pesquisa” e foi isso. Cheguei na Fiocruz, comecei a estudar, trabalhar nessa pesquisa. Nilson Alves Moraes era coordenador, tinha também Ana Luce Girão Soares de Lima, a Stella Oswaldo Cruz Penido, a Mabel Imbassay, Verônica Brito e eu, acho que éramos nós. Fizemos história oral com o pessoal do INAMPS, com todos que ocupavam um lugar de mando no INAMPS a gente fez entrevista, chegamos a fazer alguns artigos, mas o resultado mesmo dessa pesquisa foi a parceria da Casa de Oswaldo Cruz com o INAMPS.

Tânia Pimenta: Já tinha a Casa de Oswaldo Cruz quando você veio para Fiocruz?

Professora Dilene: Já. Eu voltei para o Rio em março de 1987 e a Casa é de 1986, não sei exatamente o mês. Mas estava ainda nos primeiros passos, estava tentando se estruturar. Só existia o Pavilhão do Relógio¹⁰. Nós que trabalhamos nessa pesquisa, trabalhamos lá na rua México, no centro do Rio de Janeiro, no prédio do INAMPS. Depois acabou e eu fui para

⁶ Importante sanitarista que se destacou em defesa do Movimento pela Reforma Sanitária Brasileira. Sob sua coordenação, em 1986, foi realizada a VIII Conferência Nacional de Saúde. Presidiu a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (1983-1985), foi reitor da UERJ (1992-1995).

⁷ Um dos principais teóricos e líderes do chamado "movimento sanitarista", que mudou o tratamento da saúde pública no Brasil. Presidente, Fundação Oswaldo Cruz (1985-1989), Secretário da Saúde do Estado do Rio de Janeiro (1987-1988) e professor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz.

⁸ Antonio Ivo foi chefe de Gabinete da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro (SES-RJ) durante a gestão Sergio Arouca (1987) e subsecretário durante a gestão de José Carvalho de Noronha (1988-90). Militante e protagonista na história de construção do Sistema Único de Saúde (SUS) e do movimento da Reforma Sanitária.

⁹ José Carvalho de Noronha foi Secretário de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (1988-90) e Secretário de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde (2007-08), entre outros cargos públicos. Foi Presidente da Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva - ABRASCO (2000-03). Atualmente é médico da Fundação Oswaldo Cruz

¹⁰ Um dos prédios que compõem o Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM).

Manguinhos¹¹ trabalhar e comecei o projeto de tuberculose, história da tuberculose, com Tânia Fernandes como coordenadora, eu, Anna Beatriz de Sá Almeida, Lorelai Kury e Pedro Paulo Soares,¹² numa parceria com o Centro de Referência Prof. Hélio Fraga (CRPHF) da ENSP, que fica em Jacarepaguá. Começamos a trabalhar nesse projeto da tuberculose, um projeto grande. Fizemos 31 entrevistas com os tisiologistas mais conhecidos no Brasil. Como eu vinha da área médica, da prática de saúde pública, eu fiquei muito tempo na Casa de Oswaldo Cruz, que era História, me perguntando o que eu estava fazendo aqui? (risos). Cadê meus doentinhos? Porque eu gostava. Tem médico que não gosta de doente, né? Se dedica à outra área da medicina, tem várias áreas. Mas eu gostava, eu gosto. Mas começou uma política institucional da Fiocruz e a Casa seguiu essa política de todos os servidores se qualificarem. Então, eu fui fazer mestrado em saúde coletiva e depois eu identifiquei que me faltava o conhecimento de história! Não era historiadora, não estudei história, a não ser no ensino médio (risos). Aí eu fui fazer doutorado em história social na UFF e lá encontrei pessoas maravilhosas, professores e colegas da minha turma que foram fantásticos, no sentido de me ajudar. E os colegas da Casa também me ajudaram, a maioria era historiador e cientista social. Então foram fatos e fatores que me converteram para a história.

Bárbara Santos: Professora, eu vou só interromper, para pegar o fio da meada. Nessa fase a senhora tinha a prática médica nas várias etapas do adoecer, da assistência, do tratamento em si. Posteriormente, quando a senhora foi escrever sobre a história das doenças, sua análise sobre o adoecer no período histórico ganhou uma perspectiva mais ampla? Como isso contribuiu?

Dilene Nascimento: Era exatamente o que eu ia falar. No doutorado, eu comparei tuberculose com AIDS. Porque eu terminei o mestrado em 1993, então a AIDS já estava no cenário público. Eu pensei que havia coisas semelhantes nessa história. E aí resolvi comparar tuberculose no início do século XX e AIDS, no final. Esta foi a minha tese, que é também livro que foi publicado¹³. E aí, Barbara, minha ideia foi juntar esses dois conhecimentos, quer dizer, me sentir conhecedora de algum conhecimento, né? (risos) Depois que fiz o mestrado e o doutorado, já me senti um pouco conhecedora de história (risos). Da área médica e da saúde eu já tinha conhecimento e prática. Então, por isso defendi, me empenhei e trabalhei muito no

¹¹ Bairro da zona norte do Rio de Janeiro, onde se localiza a sede da Fundação Oswaldo Cruz.

¹² Pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

¹³ NASCIMENTO, D. *As pestes do século XX. Tuberculose e Aids no Brasil: uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982 -193X



campo da história das doenças, em que eu me desenvolvi em pesquisas na Casa de Oswaldo Cruz. A Tania Fernandes e a Anna Beatriz de Almeida, pesquisadoras da COC, também trabalharam com esses temas, mas elas diversificaram os interesses. E o meu interesse ficou focado na história das doenças. E aí teve outra colega da COC que me disse que a gente pode escrever muito, pesquisar muito, mas se não publicar não adianta nada. Então, eu incorporei essa preocupação. Passei a publicar, mas não virei a louca da publicação, não (risos). Mas eu entendi que era interessante publicar resultados preliminares ou então já a finalização da pesquisa com artigos. E aí eu não saí desse campo, fiquei na área de história das doenças e pesquisei várias doenças: já tinha pesquisado a tuberculose, que foi a primeira pesquisa, mas também a dengue, a poliomielite, a peste, a AIDS.

Tânia Pimenta: Você entrou na história pela história das doenças e você disse que só ficou nesse campo da história das doenças, não expandiu para outros interesses, mas, na verdade, é um campo muito amplo e as pesquisas vão aprofundando. Contém um universo enorme de questões para pesquisar e analisar. E eu queria destacar uma característica importante na sua trajetória que é essa construção de redes com outros pesquisadores e professores de diversas instituições no Rio de Janeiro, fora do Rio de Janeiro, fora do Brasil também. Uma rede que você foi construindo, mantendo, consolidando e ampliando ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, também tem um grupo de alunos que você forma em torno da história das doenças. Você poderia falar um pouco sobre isso, que vai se refletir em suas publicações, sobre o que você se referiu anteriormente. Nesse sentido, a coleção *Uma história brasileira das doenças*, que vai chegar ao volume 11 em 2022, exemplifica bem esse aspecto da sua trajetória.

Dilene Nascimento: Não dá para você trabalhar sozinho, né? Porque você tem que ouvir o outro também e vice-versa. Tem que estar trocando, né? Começou com a criação dos Seminários de História das Doenças no Rio de Janeiro. Eu pensei na Diana Maul, que é médica e uma incentivadora de ideias também e logo se juntou a mim. Pensamos em organizar uma coletânea com pesquisadores que escrevessem sobre história das doenças.

Nessa época, o Ives Mauro era meu bolsista, acho que no projeto da AIDS. Pesquisamos sobre artigos, livros, dissertações, teses que tratassem ou tangenciassem essa área de história das doenças. Nós três enviamos convites e recebemos respostas suficientes para organizar um livro que foi o volume 1 da coletânea. Acertamos com um editor de Brasília, que sugeriu um evento

para o lançamento. Nós pedimos recurso para Capes, que financiou o evento que a gente fez no Museu da República. Foi o 1º Seminário de História das Doenças. O editor veio também, foi bem legal. Tinha o pessoal da COC participando, o pessoal de fora participando. Lembro que a gente convidou o Ítalo Tronca, mas, infelizmente ele teve um problema de saúde, não me lembro exatamente o que, às vésperas do seminário, que não permitiu que ele viajasse. Daí pra frente, a gente não parou mais. Eu e Diana ficamos fazendo isso, o seminário e, depois do seminário, o livro. Então a gente fez o volume 1, 2 e 3, aqui no Rio, eu e Diana. A Rita de Cássia Marques, professora da UFMG, participou do volume 2. A gente começou a fazer ano sim e ano não. Mas, do terceiro em diante, eu e Diana, acho que por acúmulo de trabalho mesmo, deixamos passar mais de dois anos. Neste intervalo, o Sebastião Pimentel Franco, professor da UFES, querendo adentrar no campo da história da saúde e das doenças entrou em contato. Ele fez um pós-doutorado na UERJ, pesquisando história do cólera. Ele se entusiasmou com o estudo e era requisitado pelos estudantes da UFES que se interessavam por história das doenças. Não havia essa área na UFES e ele resolveu desenvolver. Então, me convidou para, junto com ele, organizar o evento que passou a se chamar Colóquio de História das Doenças. E eu, Diana e Sebastião conversamos sobre a continuidade da coletânea. A publicação lá do Espírito Santo assume o mesmo nome e segue na numeração. Então, o quarto volume já foi feito no Espírito Santo, organizado por mim, Sebastião e Ethel Leonor Noia Maciel, também professora da UFES. A partir do Volume 5 da coletânea, a organização ficou a cargo do Sebastião Pimentel Franco, da Anny Jackeline Torres Silveira, professora na UFMG e, hoje, na UFOP, e eu. E aí, é isso. A gente já está, para o ano de 2022, discutindo e organizando o décimo Colóquio de História das Doenças. O 10º e o 11º volumes já estão nas editoras. É que a pandemia também atrasou a produção, atrasou recursos, atrapalhou tudo, mas a gente conseguiu fazer os dois volumes e colocá-los em editora. Assim, é na verdade um trabalho de longa duração. São 10 anos de Colóquio, porque no Espírito Santo passou a receber o nome de colóquio. No Rio era seminário. No Espírito Santo, no ano que vem será o décimo e a gente já tem 11 volumes praticamente prontos dessa coletânea e é uma coletânea que as pessoas consultam.

Tânia Pimenta: Esse evento está na agenda dos pesquisadores, dos alunos.

Dilene Nascimento: E essa questão de ser online também, dá até menos trabalho. Porque a gente paga uma empresa para fazer toda essa arquitetura digital para ser online, mas tem que pagar. Possibilita mais pessoas participarem, porque não tem custo de deslocamento. Quem

apresenta trabalho, apresenta online. E aí, tem um pesquisador que discute os trabalhos. Tem os prós e os contras do online, porque a gente morre de saudade de abraços, risadas e jantares. Mas o importante é que a gente não deixou de fazer, não faltou um ano. Sebastião é disciplinado nessas coisas, é resiliente. Então assim, isso fez com que a área da história das doenças também se tornasse mais conhecida. E conhecida fora da Casa, fora do Rio de Janeiro. Mas antes dessa coletânea, teve o Grupo de Trabalho da ANPUH de história das doenças em 2000. Mas como Anny e Rita também diversificam para outras áreas, outros temas e questões, a gente decidiu que ficaria então História da Saúde e das Doenças que existe até hoje. Esse GT significou que todo congresso, encontro da ANPUH, a gente estava lá com o simpósio temático, em nome do GT. Com isso, as pessoas que participavam do simpósio, eram incentivadas a criarem um GT na sua regional também. Em Goiás foi criado com a Sônia Magalhães, professora da UFG. No Paraná com a Liane Bertucci, professora da UFPR. No Ceará com a Zilda Menezes Lima, professora da UECE, que é incansável nesse sentido, ela orienta diversas teses de história das doenças. Já em Pernambuco, tem o Carlos Miranda, professor da UFPE, que escreve sobre o tema e também orienta teses de história das doenças, mas lá não houve criação do GT da ANPUH da história das doenças. A gente também fez uma parceria com Rio Grande do Sul. Eles tinham um projeto grande, um grupo bem coeso, que não se encaixava em história das doenças e deram outro nome. O fato é que se numa universidade houver um professor que se dedica a esse tema, os alunos procuram esse professor, em função do interesse deles, então vai ampliando. Em suma, a gente ampliou o campo, ampliou os participantes do campo, ampliou o interesse em relação ao campo e foi multiplicando.

Tânia Pimenta: E Minas?

Dilene Nascimento: Primeiro foi o Rio, depois foi Minas, foi coladinho (risos). Isso significa o que? Trocas, parcerias. Então, tem um aluno que vai defender uma tese, você é chamado e vice-versa. Você passa a conhecer as pessoas que têm interesse pela área e as pessoas passam a conhecer você também. Todos esses projetos resultaram em publicações, em livros. O da peste está no computador ainda. Eu preciso fazer a última revisão, mas já está pronto. Em alguma hora vai sair. E o da história da poliomielite, que foi também um projeto bastante grande. Dele participou Eduardo Maranhão, André Campos, Ana Beatriz de Almeida, Ângela Porto, Laurinda Maciel e Maria de Lourdes Vasques da Silva¹⁴. Ângela Porto, por exemplo, a gente

¹⁴ Pesquisadores da ENSP e da COC – Fiocruz.

trabalhou muito junto em história das doenças. A tese dela é sobre representação da tuberculose a partir da literatura de Manuel Bandeira.

Desse projeto sobre a história da poliomielite, se derivou um outro, que foi contemplado no Edital Universal do CNPq, sobre a erradicação da pólio no Brasil e no Peru em história comparada. Participaram Eduardo Maranhão, da ENSP, eu e Marcos Cueto, da COC, e o Deepak Sobti. Também foi um projeto bem legal.

Também fizemos um site e, caiu na internet, caiu no mundo, né?

Uma pesquisadora de Portugal, Inês Maria Veiga Guerra dos Santos, que estava fazendo doutorado na Espanha, e a tese era sobre poliomielite, fez contato. O orientador, Juan Antonio Rodriguez Sanchez, professor da Universidade de Salamanca, fez contato também. Ele é médico e pesquisa pólio, síndrome pós-pólio e doenças raras. Lá na Espanha tem um centro maravilhoso de doenças raras.

Com isso, a gente fez uma articulação, eu fiz um evento aqui sobre pólio e convidei o Juan Antônio. Para o livro, convidei os dois. Eu fui num evento na Espanha, porque eles me convidaram. Lá conheci outros pesquisadores e decidimos criar o grupo de pesquisa ibero-americano de história da poliomielite e síndrome pós-pólio. Aí era o Juan Antônio Sanchez, da Universidade de Salamanca, outros pesquisadores de outras universidades da Espanha, de Cuba, da Costa Rica, da Argentina, do México, como Ana Maria Carrillo, de Portugal, como Inês Guerra. Participamos como grupo de pesquisa de alguns eventos e, afinal, foi sugerido que a Fiocruz fizesse um convênio com a Universidade de Salamanca e foi feito o convênio. Passei um mês em Salamanca pesquisando com o Juan Antônio. Estive com grupos de ONGs/Aids. Falei sobre a Aids, também sobre pólio, conheci esse instituto estadual de doenças raras fantástico.

Ah, sim, uma outra coisa, um determinado momento também, Matheus Alves Duarte da Silva era meu bolsista PROVOC¹⁵ e Eliza da Silva Vianna também. Isso tem mais de dez anos que eu orientei Eliza. Aí eu tenho um amigo chamado Marcos Roma Santa, historiador, doutorado em letras, que gosta dessa questão da representação das doenças. A gente já fez vários trabalhos juntos, também ele já foi bolsista de aperfeiçoamento da Ângela Porto lá na COC. É ótimo de

¹⁵ Programa de Vocação Científica da Fiocruz voltado para alunos do ensino médio com escolas públicas e privadas conveniadas.

revisão, de descrição, de interpretação de textos. Eu sugeri a criação de um grupo de estudos. Isso tem mais de 10 anos. O Marcos topou, Eliza topou, Matheus topou. Aí ficamos nós quatro. Depois o Marcos desistiu, porque ele se mudou da Glória, ficava difícil vir para cá. E esse grupo se multiplicou, foi um negócio impressionante. Então, tinham pessoas que se interessavam em participar do grupo para adentrar a área de estudo e fazer a prova na COC ou então o menino entrava na Pós da COC e os colegas mesmo chamavam para vir para o grupo de estudo. Então assim tem um núcleo, a Eliza está desde o começo, a Daniele Fialho tem muito tempo que está, a Mônica Cristina de Moraes entrou depois da Dani. A Dani que trouxe a Mônica lá da UFRJ, da Casa da Ciência da UFRJ. Neste ano de pandemia, a gente conseguiu fazer reuniões online, que teve um lado positivo porque o pessoal que está fora, Eliza, por exemplo que está em Sergipe pode participar, outro que está em lugar longe pode participar. E esse ano de 2021 a gente começou a sentir os efeitos da pandemia. Em 2020, ainda era aquela coisa assim, “é muito melhor a gente escrever sobre a pandemia do que viver a pandemia, mas estamos vivendo, fazer o que ?!”. Mas, a pandemia se tornou grave, intensa e todo esse comemorativo institucional, governamental que não mostrava, não demonstrava nenhuma saída, na verdade, para controlar essa situação para melhorar. Então tudo isso que a gente passou em 2020 acabou tendo resultados em 2021, na minha opinião. Então, é orientando que de repente está mais desorientado, a gente não conseguiu fazer reunião do grupo em 2021. Em suma, foi uma outra área de fusão a área de história das doenças, eu acho que foi isso. Resumindo, é o seguinte, você quer estudar uma determinada área, estude, mesmo que já tenha gente estudando a determinada área. Começa a fazer sua análise naquela área, e aí, começa a difundir. E como é que a gente espalha isso? A partir de eventos, a partir de publicação, a partir de parcerias. Então assim, essas estratégias, a gente procurou usar para que a área fosse difundida. Então assim, é essa forma que a gente encontrou de difundir, não basta publicar, na minha opinião. Você tem que estar presente, você tem que falar, participar de evento. Acabei me aposentando em 2019.

Tânia Pimenta: Mas continua orientando

Dilene Nascimento: Não parei de trabalhar. Eu tinha dois orientandos, recebi mais dois, que são dois excelentes, a Gwan Torres e o Luender Rytchells. São interessados. Nossa, eu fico muito satisfeita com eles dois. Já tinha Dani e a Maria Carolina Silva Martins Pereira. Fora isso, foi todo o trabalho de dar entrevista, de gravar entrevista, de fazer texto, de responder pergunta. Porque todo mundo achava que a pandemia ia acabar logo, e o que seria depois, né? O pós-pandemia. Então trabalhei muito, esse ano de 2021 é que diminuí um pouco o trabalho, a

pandemia passou a ser minimamente controlada, um pouquinho, à medida que um contingente razoável da população é vacinado, a gente é obrigado a ouvir bobagens, mas, efetivamente, tem um número cada dia maior de vacinados, que embora ainda não seja o suficiente, já estarmos avançando nesse sentido. Dá um certo alento.

Barbara Santos: Professora, para os novos pesquisadores que queiram pesquisar história das doenças, além dessas mudanças que a gente pode captar a partir da doença, como a questão econômica, a questão da política. O que mais a gente pode explorar da doença como um fenômeno social.

Dilene Nascimento: Bárbara, para você estudar uma história de uma doença, você tem que ver esta doença num lugar e num período. Então, se a gente pensar, vamos estudar covid-19, no ano de 2020, no Brasil. Então a covid não é simplesmente um vírus que ataca o sistema sanguíneo, que ataca o pulmão, que cria trombose, que faz isso, faz aquilo, interna, mata e o número de óbitos vai a 617.000. Não é isso, mas a doença existe! Você pensa na doença biológica, tem um vírus intermediando e causando estrago físico.

Então, agora como a pessoa vê isso, como a pessoa vai sentir isso, como a comunidade vai reagir a isso, como os que estão no entorno vão reagir a isso, como os ricos vão se comportar, como os pobres vão se comportar, qual o prejuízo para rico, para pobre. O governo está fazendo o que? De quem seria a responsabilidade de enfrentar uma doença que assume o caráter pandêmico? É do indivíduo? É uma pergunta que se faz. Não, claro que não, né?! Eu respondo. (risos). Não é do indivíduo! Por isso a gente tem instituições de saúde no país, hoje no ano 2020, ministério de saúde, secretaria da saúde, SUS. E aí? O SUS para funcionar precisa de recurso, de quem é a responsabilidade de dar o recurso para o SUS? Está dando? não ou sim? E essa comunidade, essa população como é que sente, como é que faz, como é que enfrenta? Vai fazer mezinhas? E quais as mezinhas? Por exemplo, dizem que a caipirinha foi criada na gripe espanhola porque todo mundo dizia “mel cachaça e limão acaba com a gripe”. Então todo mundo fazia mel, cachaça e limão. Depois se transformou na caipirinha de limão. Essas coisas todas você tem que ver, não era doença biológica, não é um vírus. Aí no caso de uma pandemia, você tem que ver também as relações internacionais. Agora mesmo, a variante Ômicron foi identificada na África, mas aí, Alemanha, vários países europeus tiveram que fechar de novo, porque a variante Ômicron foi para lá. Eu li uma matéria dizendo o seguinte “vocês percebem que a coisa é coletiva? É coletivo mesmo, não é um coletivo de meia dúzia de pessoas, é coletivo

de países. Enquanto a África, o povo africano não tiver vacinado, todos os países correm risco”. Então tem isso também. Se o PNI (Programa Nacional de Imunizações) não pode dizer é obrigado a vacinar, porque o governo diz o contrário, como é que a população vai vacinar? O tanto de Fake News que a gente teve em relação à vacina. Até virar jacaré, a gente viraria. Não ajuda, ao contrário, está torcendo a favor do vírus. Escolhe um viés para analisar, essa é a história das doenças, a representação que a doença tem para as pessoas. E essa representação, ela não é de um indivíduo, ela é de um grupo, de uma sociedade porque o indivíduo, às vezes a gente pensa que é independente pensa sozinho, pensa da própria cabeça, mas tudo que a gente tem já está internalizado. Mas assim, é o grupo familiar, é o grupo social que a gente convive, é que dá as várias emoções que a gente tem sobre as coisas, que vão resultar na representação que a gente tem das coisas, inclusive das doenças. É um pouco isso. A questão cultural é fundamental porque tudo passa pela cultura. A gente tem um artigo bastante interessante, fizemos a oito mãos: eu, Eliza Vianna, Mônica Moraes e Daniele Fialho, resultante do grupo de estudos. Eu acho que é bastante rico esse artigo¹⁶.

Não é só a doença, não como fenômeno médico, não como fato médico. É a doença como fenômeno social, um fato social, o que implica em representação da doença, em política de controle, em combate a doenças, em considerar a cultura que determina como essa sociedade vai reagir a doenças, assim como a questão socioeconômica da população. Tem todas essas variáveis que a gente deve analisar quando está estudando a história de uma determinada doença. E se é história, a gente tem que pensar sempre o lugar e o tempo. São duas coisas que, se não levar em conta, você não está fazendo história. Então, você vai ver o contexto, vai discutir essas variáveis todas referidas à questão da doença que você está estudando.

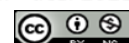
Tânia Pimenta: Eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre as fontes são usadas mais comumente nas pesquisas de história das doenças.

Dilene Nascimento: Há uma tradição de pesquisa com história oral na Casa de Oswaldo Cruz. A pesquisa de tuberculose, a pesquisa da pólio, a pesquisa da AIDS, a gente usou história oral. Na pesquisa sobre tuberculose, a gente entrevistou fisiologistas porque estava contando a história da tuberculose neste viés da instituição, desenvolvimento institucional e científico, em relação a tuberculose. A minha orientanda por exemplo, agora, ela está querendo ouvir a voz

¹⁶ [NASCIMENTO, D. R.](#); VIANNA, Eliza; MORAES, M. C.; SILVA, D. S. F. O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates na história das doenças. *Khronos: Revista de História da Ciência*, v. 6, p. 31-47, 2018.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982 -193X



dos tuberculosos a partir da literatura. Não vai fazer história oral, até porque mestrado não dá tempo, acho que não faz sentido. Mas é outro viés da história da tuberculose. Defina um período, um lugar e a metodologia é a partir da análise da literatura, a gente pode fazer isso. A metodologia também pode ser variada, assim como a gente pode acessar a história de determinada doença a partir de determinado caminho, a gente pode também diversificar nessa metodologia. No livro, acho que é o livro o décimo, tem um capítulo de Zilda Meneses Lima, professora da UECE, e uma orientanda dela, Érica Lima¹⁷. Elas entrevistaram um médico que estava na linha de frente da covid, ficou muito legal. Foi com história oral. Elas vão analisando a questão da COVID ao mesmo tempo confrontando com a fala dele na linha de frente atendendo os doentes. Eu gostei muito do capítulo, vai sair no décimo. Da AIDS, por exemplo, a minha ideia era analisar a representação social da AIDS. E como ela estava acontecendo, eu entrevistei várias pessoas e algumas delas doentes. E AIDS também foi um trabalho muito abrangente. Eu entrevistei mães de rapazes com HIV que tinham morrido; eu entrevistei uma mulher que tinha AIDS, cuja profissão era prostituta e que tinha três filhos e dois eram soro positivo. Entrevistei gestores do programa de AIDS, do programa nacional, entrevistei jornalistas, entrevistei Drauzio Varella, que dá uma aula na entrevista. As várias áreas, o controle, a assistência, a descrição e a análise em relação a AIDS. Foi um trabalho abrangente, mas fechar com uma dessas, como o capítulo da Zilda e da Érica, por exemplo, que pegou uma entrevista, um médico, claro que é um capítulo, mas o caminho pode ser esse.

O Ives Mauro fez uma dissertação belíssima sobre a AIDS na filmografia de Almodóvar, a representação da AIDS, o preconceito, o estereótipo, todas essas coisas. Ele selecionou alguns filmes e analisou isso em uma belíssima dissertação. Nós fizemos um artigo sobre Filadélfia, eu e Matheus¹⁸. No meu doutorado, eu levantei uma gama de fontes, a história oral, a documentação institucional, imagens. Tem um capítulo que é sobre as imagens em relação a tuberculose e a AIDS. Através de uma série de cartazes de campanha contra AIDS, você vai ver como as pessoas lidam, como o governo lida com essas questões. Mas você pode restringir a uma questão só.

¹⁷ LIMA, Érica Cavalcante; LIMA, Zilda Maria Menezes. Na “linha de frente” contra a Covid-19: reflexões sobre a enfermidade, a partir do relato de um médico imerso no enfrentamento à pandemia em Fortaleza-CE, maio-2020. *Uma história brasileira das doenças*. Vol. 10, Vitória: EDUFES. (no prelo).

¹⁸ [NASCIMENTO, D. R.](#); Duarte, Matheus. Filadélfia - a Aids em cena no final dos anos 80. In: Bernardo Jefferson de Oliveira. (Org.). *Ciência e cinema na sala de aula*. 1 ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012, v. 1, p. 149-160. *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021*. ISSN: 1982 -193X



Tânia Pimenta: Eu lembro que quando eu li o livro que você organizou com a Vera Beltrão Marques sobre hanseníase¹⁹, a maioria dos capítulos trabalha com história oral.

Dilene Nascimento: Foram escolhidas porque trabalham com história oral.

Tânia Pimenta: É nesse ponto que queria chegar, porque nesse livro em que os autores trabalham com história das doenças pela perspectiva dos doentes é muito tocante, é de uma sensibilidade enorme.

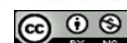
Dilene Nascimento: Quando eu estava fazendo doutorado e resolvi que ia fazer as entrevistas e iria entrevistar um leque de pessoas de variados lugares, não só institucionais, eu ainda procurei professores da UFF, que trabalhavam com história oral, para saber se eu teria que me preparar de alguma forma para enfrentar essas entrevistas, mas também eles faziam história oral um pouco diferente. Eu sei que fui com a cara e a coragem, eu e Ana Paula Zaquieu, que era bolsista de aperfeiçoamento no projeto da Aids. Ana Paula ia comigo nessas entrevistas, porque não é recomendado ir sozinha. Tem uma entrevista que a gente fez com a mãe de um rapaz, que foi um dos primeiros que morreu em 1986, me parece. Essa entrevista sempre me emociona até hoje. Porque é tudo muito pungente, muito comovente. Outra entrevista, com uma jornalista em São Paulo, fiz com Marcos Roma Santa. A entrevista foi feita de noite no hotel que tinha um espaço, uma sala. Entrevistamos, mas ficou faltando alguma coisa e perguntei se ela podia retornar no dia seguinte e ela disse que sim. No dia seguinte, aquela jornalista chegou lá um trapo. Noite mal dormida, que ficou remoendo coisas. Porque na hora que você faz a história oral você também pode detonar coisa nas pessoas, com essa jornalista eu tenho certeza de que a gente detonou. Ela chegou lá tentando assim se manter inteira, mas era visível que ela não tinha dormido. A história oral tem uns meandros assim, nem sempre dá para você fazer tão rápido. É importante porque determinada coisa que a pessoa fez, pode ter sido em função de alguma vivência que ela tenha tido. Então, se estamos analisando o significado da doença para aquela pessoa, isso é importante

Tânia Pimenta: Então, para resumir, quem tem interesse em pesquisar e dedicar à história das doenças...

¹⁹ NASCIMENTO, D. R.; MARQUES, V. B. (Org.). *Hanseníase: a voz dos que sofreram isolamento compulsório*. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982 -193X



Dilene Nascimento: Tem os Simpósios Temáticos da ANPUH, que permanecem, as regionais fazem. Minas, por exemplo, elas são muito operativas. Sempre tem, como em Goiás. Quanto às publicações, a coletânea é uma delas. Traz capítulos de vários pesquisadores que ou estão na área de história das doenças ou tangenciam a área de história das doenças. Pesquisadores que trabalham com século XI, XII, XIV; outros, com século XXI. Tem o Colóquio de História das Doenças. Tem os sites dos eventos e do GT da ANPUH. Em suma, parcerias sempre é uma coisa interessante de se fazer.

Tânia Pimenta: **Sim! Dilene, então, Barbara e eu agradecemos muito por sua generosidade.**